V.I.Lenin

COMO ILUDIR O POVO

coleção bases 11

TEORIA
TEORIA
TEORIA
TEORIA
TEORIA

3ª EDIÇÃO

V.I. LENIN

COMO ILUDIR O POVO
com os slogans de liberdade e igualdade

EDITORA E DE CULTURA MEDICA LTDA
COOP.-DE

GLOBAL EDITORA

Copyright © 1979
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

1.ª edição — Janeiro/79
2.ª edição — Setembro/79
3.ª edição — Setembro/80

Tradução: Roberto Goldkorn
Revisão: Sérgio Kraselis
Capa: Projeto - Suelí Bacha
Arte Final - Carlos Clémen

Nº de Catálogo: 1118.

Direitos reservados por
Global Editora e Distribuidora Ltda.
R. José Antônio Coelho, 814 - CEP 04011 - São Paulo.
Tel.: 549-3137.
Composto na
ZMC2 - Assessoria, Planejamento e Produções Gráficas Ltda.
Rua Cônego Eugênio Leite, 513 - 2.o - Fone: 282-1095.
Impresso na Editora Parma Ltda.
Rua da Várzea, 394 - S.P.

prefácio

A questão que analisei no discurso de 19 de Maio no Congresso sobre a Educação extra-Tutorial — a questão da igualdade em geral e da igualdade dos trabalhadores e camponeses em particular — é sem dúvida uma das mais graves e sérias questões da atualidade e que afeta os preconceitos mais arraigados do pequeno-burguês, do pequeno proprietário, do pequeno comerciante, de todo o gênero de filisteus, e de nove-décimos da "intelligentsia" (incluindo a "intelligentsia" Menchevique e a S.R.)(¹).

Negar a igualdade do operário e do camponês! Que idéia! Claro que todos os amigos dos capitalistas, todos os seus parasitas, e principalmente os Mencheviques e os S.Rs., tentam apoderar-se desta idéia para "forçar" o camponês, para o "inflamar", para o colocar contra os operários, e contra os comunistas. Tais esforços são inevitáveis mas como se baseiam em mentiras, falharão vergonhosamente.

Obs: (¹) *S. R. — Socialista-Revolucionário.* Partido de base camponesa que adotou o terrorismo individual como tática de luta.

Os camponeses são pessoas sóbrias e práticas. As coisas têm que lhes ser explicadas praticamente, por meio de exemplos simples e terra a terra. Será justo que o camponês, que tem um excedente de trigo, esconda esse excedente esperando que os preços subam a um nível louco e especulativo e sem levar em consideração os trabalhadores esfomeados? Ou será justo que o Estado, que os operários têm em suas mãos, deva recolher todo o trigo excedente, não a um preço especulativo ou explorador, mas antes a um preço firme e fixado pelo Estado?

É esta a questão fundamental. Toda a espécie de malandros que, tal como os Mencheviques e os S. Rs., trabalham para os capitalistas, para que o poder supremo volte às mãos dos capitalistas, tenta "desviar" a essência do problema com frases sobre "igualdade" e "unidade da democracia do trabalho".

O camponês deve optar:

Pelo livre comércio do trigo — isto é, pela especulação do trigo, isto é, pela liberdade dos ricos obterem lucro, pela liberdade dos pobres se arruinarem e morrerem de fome, isto é, pela restauração do poder supremo dos latifundiários e dos capitalistas, pela quebra da aliança entre os camponeses e os operários; ou pela entrega ao Estado do excedente de trigo, a um preço fixo, isto é, pelo poder da classe trabalhadora unida — isto é, pela aliança dos camponeses e dos operários para destruir totalmente a injustiça e para pôr de lado toda e qualquer possibilidade de restauração do seu poder.

É esta a escolha a ser feita.

Os camponeses ricos — os Kulaks — optam pela primeira, estão desejosos por tentarem a sua sorte, aliando-se aos capitalistas e aos latifundiários contra os trabalhadores e contra os camponeses pobres — mas os Kulaks constituem uma minoria na Rússia.

A maioria dos camponeses será a favor da aliança com os operários e contra a restauração do poder dos capitalistas, contra a "liberdade dos pobres de morrerem *de fome", contra a dissimulação fraudulenta desta maldita "liberdade" capitalista (a liberdade de morrer de fome), por detrás de palavras altissonantes sobre "igualdade" (sobre a igualdade dos famintos com os bem alimentados, que possuem trigo em excesso).*

A nossa tarefa é lutar contra o astucioso logro capitalista que os Mencheviques e os S.Rs. tentam introduzir sub-repticiamente por meio de palavras ocas e altissonantes sobre "liberdade" e "igualdade".

Camponeses! Arranquem a máscara desses lobos disfarçados de cordeiros, que vos embalam com belas palavras como "liberdade", "igualdade", "unidade da democracia do trabalho", e que, na prática, defendem a "liberdade" para os latifundiários oprimirem os camponeses, a "igualdade" entre os capitalistas abastados e os trabalhadores e camponeses esfomeados, a "igualdade" das pessoas bem alimentadas que escondem o excedente de trigo e dos trabalhadores atormentados pela fome e pelo desemprego devido à ruína do país em conseqüência da guerra. Tais lobos disfarçados de cordeiro são os piores inimigos dos trabalhadores e são, na prática, embora se intitulem Mencheviques, S. Rs. ou sem partido, os amigos dos capitalistas.

"O operário e o camponês são iguais como trabalhadores, mas o especulador de trigo, bem alimentado, não é igual ao trabalhador esfomeado". "Quando tiramos o trigo do especulador, estamos lutando unicamente no interesse do trabalhador". "Estamos tentando um acordo com a classe média camponesa, com os camponeses trabalhadores" — isto foi o que eu disse no meu discurso, é esta a essência da questão, é esta a verdade que tem sido iludida por meio de frases altissonantes sobre "igualdade" e a imensa maioria dos camponeses sabe que esta é a verdade, que o Estado dos Trabalhadores luta contra os especuladores e contra os ricos, ajudando os trabalhadores e os pobres de todas as maneiras, enquanto que o Estado dos Latifundiários *(sob o Czar) e o* Estado capitalista *(sob as*

''mais livres e mais democráticas'' repúblicas) sempre e em todos os países ajudaram os ricos a roubar os trabalhadores, ajudaram os especuladores e os ricos a obterem lucro à custa dos pobres camponeses arruinados.

Todos os camponeses conhecem esta verdade. E portanto a maioria dos camponeses, quanto mais consciente for, tanto mais rápida e firmemente fará a sua escolha: por uma aliança com os trabalhadores, por um acordo com o governo dos trabalhadores, contra os latifundiários e contra o Estado capitalista; pelo poder soviético e contra a ''Assembléia Constituinte'' ou ''a república democrática''; pelo acordo com os Comunistas Bolcheviques contra o apoio aos capitalistas, aos Mencheviques e aos S.Rs.

E a esses cavalheiros ''instruídos'', os ''Democratas'', os ''Socialistas'', os ''Social-Democratas'', os ''socialistas revolucionários'', etc., dizemos: Em teoria, vocês todos reconhecem a ''luta de classes''; na prática, esquecem-se logo dela, no preciso momento em que esta se torna particularmente aguda. Esquecer significa passar-se para o lado do Capital, para o lado da burguesia, contra os trabalhadores. Quem quer que aceite a luta de classes, tem de reconhecer que, numa república burguesa — mesmo a ''mais livre e democrática'' de todas — a liberdade e igualdade só pode ser, e sempre foi, a expressão da igualdade e liberdade dos proprietários de mercadorias, no sentido definido por Marx no ''Capital''. Marx explicou isto milhares de vezes em todas as suas obras e particularmente no ''Capital'' (obra que todos vocês reconhecem em teoria), e riu-se das explicações abstratas de ''liberdade e igualdade'', riu-se de vulgarizadores como Bentham, que não via isto e dissimulava as raízes materiais destas abstrações.

A ''liberdade e igualdade'' no sistema burguês (isto é, enquanto se mantiverem a propriedade privada das terras e dos meios de produção) e na democracia burguesa, serão meramente formais, o que significa, na *realidade, escravatura salarial para os trabalhadores (que são, formalmente, livres, gozando, formalmente, de direitos iguais), todo o poder para o capital, e opressão do trabalho pelo capital. Este é o ABC do Socialismo, "eruditos" cavalheiros — e vocês esqueceram este ABC.*

Deduz-se deste ABC que, durante a revolução proletária, quando a luta de classes se agudizou ao ponto de se tornar uma guerra civil, só loucos e traidores ousavam falar em "liberdade", "igualdade" e "unidade da democracia do trabalho". Na prática a luta do proletariado contra a burguesia é decisiva, enquanto as classes médias (incluindo toda a pequena burguesia, o que também significa todo o campesinato) hesitam inevitavelmente entre um campo e o outro.

Estes setores intermediários têm que se juntar a uma das forças principais, ou ao proletário ou à burguesia. Não pode ser de outra maneira. Aquele que não compreendeu isto ao ler o "Capital" de Marx, não compreendeu nada de Marx, não compreendeu nada do Socialismo e é, na prática, um filisteu e um vulgarizador, seguindo cegamente a burguesia. Mas aquele que o compreendeu não se deixará enganar por frases sobre "liberdade" e "igualdade", pensará e falará sobre fatos, isto é, sobre as condições concretas de aproximação do camponês e do trabalhador, da sua aliança contra o capitalismo, do seu acordo contra os exploradores, os ricos e os especuladores.

A ditadura do proletariado não é o fim da luta de classes mas a sua continuação em novas formas. A ditadura do proletariado é a luta de classes do proletariado que venceu e tomou nas suas mãos o poder político contra a burguesia derrotada, mas não destruída, que não desapareceu e não cessou de oferecer resistência. A ditadura do proletariado é uma forma particular de aliança de classes entre o proletariado, a guarda avançada dos trabalhadores, e os numerosos setores não-proletários de trabalhadores (a pequena-burguesia, os pequenos proprietários, o campesinato, a *"intelligentsia", etc.), uma aliança contra o Capital, uma aliança que visa à total destruição do capital, à total supressão da resistência da burguesia e todos os seus esforços para a restaurar, uma aliança visando à criação final e estabilização do Socialismo. Esta é uma aliança de uma natureza particular, formada em circunstâncias especiais, isto é, em circunstâncias de violenta guerra civil; esta é uma aliança dos firmes partidários do Socialismo com os seus hesitantes aliados, por vezes com "neutros" (nesse caso, a aliança deixa de ser um acordo para se tornar um acordo de neutralidade), uma aliança entre classes econômica, política, social e psicologicamente diferentes. Renunciar ao estudo das formas, das condições e das tarefas concretas desta aliança, por meio de frases gerais sobre "liberdade", "igualdade", e unidade da democracia do trabalho", isto é, por meio dos restos da bagagem ideológica da época de economia mercantil, só pode ser levado a cabo pelos tristes heróis da apodrecida Internacional Amarela, ou de Berna, tais como Kautsky, Martov e Cia.*

23 de Junho, 1919.

I. Lenin

COMO ILUDIR O POVO com os slogans de liberdade e igualdade

— *Discurso de 19 de Maio de 1919*

Permitam-me, camaradas, que, em vez de resumir a atual situação — como parece que alguns esperavam que eu fizesse hoje — trate antes de algumas das principais questões políticas, não só teoricamente, como é óbvio, mas também na prática; questões que se nos põem hoje em dia, características da atual fase da revolução soviética e que são a causa da maioria das disputas, da maior parte dos ataques desfechados por pessoas que se consideram a si próprias Socialistas, da maioria dos mal-entendidos vindos de pessoas que se consideram a si próprias Democratas e que, com uma presteza especial e um desejo muito particular de divulgação, nos acusam de violarmos a Democracia. Parece-me que estas questões políticas gerais se encontram com freqüência, senão constantemente, em qualquer propaganda e agitação dos nossos dias, e em toda a literatura hostil ao Bolchevismo, pelo menos a que não se reduz a um acervo de mentiras, calúnias e injúrias, habituais em todos os órgãos da burguesia. Se considerarmos essa literatura, então penso que as principais questões — a relação da Democracia com a Ditadura, as tarefas da classe operária revolucionária num período revolucionário, as tarefas da transição para o Socialismo em geral, as relações da classe operária com o campesinato — constituem a base vital de todos os atuais debates políticos, e explicá-las parece-me constituir a nossa principal tarefa, embora possa parecer a alguns que assim nos afastamos das questões fundamentais e urgentes do dia-a-dia. Claro que, num pequeno relatório não poderei pretender abranger todas estas questões. Escolhi algumas delas e é só sobre estas que eu pretendia falar-vos.

I

A primeira, é a questão das dificuldades de qualquer revolução, de qualquer transição para um novo sistema. Se examinarmos esses ataques contra os Bolcheviques vindos de pessoas que se consideram a si próprias Socialistas e Democratas — como exemplo posso citar os grupos literários "Sempre em Frente" e o "A Causa do Povo", jornais proibidos e, na minha opinião, muito justamente e no interesse da revolução — jornais cujos representantes dão à maioria dos seus ataques um caráter natural e uma aparência de crítica teórica — se examinarmos esses ataques contra o Bolchevismo vindos desse campo, veremos que, entre as acusações, aparece freqüentemente algo como: "Os Bolcheviques prometeram aos trabalhadores pão, paz e liberdade; não lhes deram nem pão, nem paz, nem liberdade; enganaram-nos, e tudo isto porque abandonaram a Democracia". Mais tarde falarei em especial desse abandono da Democracia. Analisarei agora a outra face destas acusações: "Os Bolcheviques prometeram pão, paz e liberdade, e afinal provocaram a continuação da guerra, uma luta particularmente dura e obstinada, uma guerra de todos os imperialistas e capitalistas, de todos os países da "Entente", ou seja, de todos os países mais civilizados e desenvolvidos, contra a atormentada, exausta, atrasada e cansada Rússia. Vereis estas acusações, repito-o, em todos os jornais citados, serão ouvidas em qualquer conversa com um intelectual burguês que, naturalmente não se considera a si próprio um burguês — ouvireis isto constantemente em qualquer discurso filisteu. E aqui estou eu a convidar-vos a analisar tais acusações! Sim, os Bolcheviques desencadearam uma revolução contra a burguesia, visando derrubar violentamente o governo burguês, romper com todos os hábitos, promessas e heranças tradicionais da Democracia burguesa; desencadearam a mais desesperada e violenta luta para suprimir as classes dos proprietários, tudo isto com o objetivo de arrancar a Rússia e depois toda a humanidade da carnificina imperialista e acabar com todas as guerras. Sim, os Bolcheviques empreenderam uma revolução com este fim e, como é óbvio, nunca pensaram em renunciar a este objetivo, como sua principal tarefa. E é inegável que estas tentativas de sair da carnificina imperialista e esmagar o domínio da burguesia provocaram uma ofensiva de todos os estados "civilizados" contra a Rússia. Porque é realmente este o programa político da França, da Inglaterra e da América, apesar de declararem que renunciam à intervenção. Por mais declarações que Lloyd George, Wilson e Clemenceau façam neste sentido, todos nós sabemos que não passam de mentiras. Sabemos que os navios de guerra dos Aliados, que deixaram Odessa e Sebastopol e foram obrigados a partir, estão agora bloqueando as praias do Mar Negro e até mesmo bombardeando os arredores de Kerch, na Península da Criméia; justificam estes atos da seguinte forma: "Não podemos abandonar esta parte da Criméia, porque senão vocês dominarão o Mar de Azov, cortando as nossas comunicações com Denikin (²) e impedindo-nos de abastecer os nossos amigos". Além disso a ofensiva de Petrogrado continua. Ontem, um dos nossos contra-torpedeiros travou batalha com quatro do inimigo. Não há dúvida nenhuma que isto é intervenção, que a Frota Inglesa está participando nela; não há

Obs.: (²) *Denikin* — General que comandava um dos grupos rebeldes contra o Poder Soviético.

dúvida que acontece o mesmo em Archangel e na Sibéria. É um fato que todo o "mundo civilizado" marcha neste momento contra a Rússia.

Pode perguntar-se: fomos nós que caímos em contradição quando mobilizamos os trabalhadores para a revolução, prometendo-lhes paz e tendo isso trazido como consequência uma campanha de todo o "mundo civilizado" contra a fraca, cansada, atrasada e derrotada Rússia? Ou foram aqueles, que têm o descaramento de nos lançarem tais acusações, que caíram em contradição com as suas concepções elementares de Democracia e Socialismo? Eis o problema. Para o apresentar, de um modo teórico e geral, servir-me-ei de uma comparação. Falamos de uma classe revolucionária, de uma política revolucionária do povo. Tomemos como exemplo um determinado revolucionário, digamos Chernyshevsky (³), julguemos a sua atividade. Como poderá uma pessoa, alguém totalmente ignorante e atrasada, julgá-lo? Sem dúvida que dirá: "Este indivíduo arruinou a sua vida, foi mandado para a Sibéria e não conseguiu nada". É um bom exemplo. Se ouvíssemos um tal juízo de uma pessoa desconhecida diríamos: "Na melhor das hipóteses, isto vem de uma pessoa desesperadamente atrasada, ingênua, talvez, de tal forma obtusa que não consegue compreender o significado do trabalho de um determinado revolucionário em ligação com a cadeia geral dos acontecimentos revolucionários; ou então este juízo provém de um facínora, de um reacionário, que pretende, conscientemente, amedrontar os trabalhadores afastando-os da "revolução". Tomei Chernyshevsky como exemplo porque, sejam quais forem as tendências a que pertençam aqueles que se intitulam de socialistas,

---

(³) *Chernyshevsky* — Nicolai Chernyshevsky (1828-1889); grande democrata revolucionário, filósofo materialista, crítico literário e socialista utópico. Chefe e animador do movimento revolucionário democrático dos anos 60 na Rússia e um dos eminentes precursores dos Sociais-Democratas. Deportado para a Sibéria onde esteve 21 anos.

neste caso particular do julgamento deste revolucionário, não pode haver desacordos essenciais.

Todos temos de concordar que só por ignorância ou profundo atraso, ou como defesa maliciosa e hipócrita dos interesses da reação, da opressão, da exploração e domínio de classe, se pode considerar que os sacrifícios de um determinado revolucionário, mesmo quando infrutíferos, não tiveram nenhuma influência ou significado para os revolucionários que o seguiram.

Peço-vos agora para passarem de um determinado revolucionário para a revolução de todo um povo, de todo um país. Ora, não há dúvida que sempre os Bolcheviques afirmaram que a revolução, na sua forma final, só pode ser vitoriosa quando se alargar a todos ou, pelo menos, a alguns dos mais importantes e avançados países. Nós sempre afirmamos. Claro que nunca dissemos que era possível sair da guerra imperialista espetando simplesmente as nossas baionetas na terra! Uso propositadamente esta expressão que nós, na época de Kerensky — tanto eu como todos os nossos camaradas — constantemente usávamos em análises, discursos e nos jornais. Costumávamos dizer: é impossível acabar com a guerra espetando as baionetas na terra; se existem Tolstoyianos que assim pensam, devemos ter pena deles, como pessoas um pouco desaparafusadas — bom, nada se pode fazer com tais pessoas.

Dizíamos que retirarmo-nos desta guerra poderia significar uma guerra revolucionária. Dizíamos isto desde 1915 e depois, no tempo de Kerensky. E, naturalmente, uma guerra revolucionária é também uma guerra; é também algo cruel, sangrento e doloroso. E quando se tornar numa revolução à escala mundial, se dará inevitavelmente uma reação também em escala mundial. E, portanto, quando enfrentamos, hoje, o ataque de todos os países "civilizados" contra a Rússia, não nos podemos surpreender quando os camponeses mais atrasados nos acusam de faltarmos às nossas promessas. Respondemo-lhes — "Não há nada a fazer". O seu total atraso e extrema ignorância impede-nos de os censurar. Como podereis pedir a um camponês totalmente atrasado que compreenda que há guerras e guerras, que há guerras justas e guerras injustas, guerras progressistas e guerras reacionárias, guerras das classes avançadas e guerras das classes atrasadas, guerras que servem para fortificar a opressão classista e guerras que servem para a suprimir? Para tal tem que se conhecer a luta de classes, os fundamentos do Socialismo, e até mesmo algo sobre a história das revoluções. Não podemos pedir isto a um camponês atrasado.

Mas se um homem que a si próprio se intitula um Democrata, um Socialista, que sobe ao palanque para falar em público, então, independentemente daquilo de que se intitula — Menchevique, Social-Democrata, S.R., adepto da Internacional de Berna, há todas as espécies de nomes, os nomes são baratos — se um tal indivíduo nos lança a acusação: "Vocês prometeram a paz e provocaram a guerra!" — então, que devemos replicar? Poderemos supor que, tal como o camponês ignorante, ele tenha atingido um tal estado de atraso que lhe não permita distinguir uma guerra de outra guerra? Poderemos pensar que ele não entende a diferença entre uma guerra imperialista, que foi uma guerra de saque e cuja natureza está mais do que desmascarada — agora, depois da Paz de Versailles, só mesmo aqueles que são totalmente incapazes de ler e pensar, ou estão totalmente cegos, são incapazes de ver que foi uma guerra de pilhagem de ambos os lados — poderemos pensar que existe alguém que não compreenda a diferença entre essa guerra, uma guerra de rapina, e a nossa guerra, que assumiu uma escala mundial porque a burguesia mundial compreendeu que se estava desencadeando uma luta decisiva contra ela? Não podemos acreditar numa coisa destas. E portanto afirmamos: toda e qualquer pessoa com pretensões ao título de Democrata ou Socialista de qualquer cor, e que, de qualquer modo, direta ou indiretamente, espalha a acusação entre o povo de que os Bolcheviques são os responsáveis por essa horrível guerra civil, quando haviam prometido paz, é pura e simplesmente um defensor da burguesia, e a nossa resposta é nos opormos a ele tal como nos opomos a Kolchak — é esta a nossa resposta.

Os cavalheiros da "Causa do Povo" estão espantados: "mas nós somos contra Kolchak; que infame injustiça estarem a nos perseguir!".

Lamento muito, cavalheiros, que não queiram ver as coisas claramente e não queiram compreender este simples ABC político do qual se tiram conclusões definidas. Declaram que são contra Kolchak. Eu pego nos jornais "Sempre em Frente" e a "Causa do Povo" e vejo os argumentos filisteus deste gênero, que predominam entre a "intelligentsia". Afirmo: todo aquele que espalha uma acusação deste gênero, entre o povo, é um Kolchakiano, pois não compreende esta diferença elementar e fundamental, que é tão clara, entre uma guerra imperialista, que nós liquidamos, e uma guerra civil que nos impuseram. Nunca ocultamos ao povo que corríamos este risco. Estamos-nos esforçando o máximo possível para derrotar a burguesia nesta guerra civil e esmagar, nas suas raízes, a opressão de classe. Não, nunca existiu, nem nunca poderá existir uma revolução que esteja garantida contra uma luta longa e dura, exigindo mesmo os mais desesperados sacrifícios. Aquele que não sabe distinguir sacrifícios que são sofridos durante a luta revolucionária para alcançar a vitória, quando todas as classes contra-revolucionárias lutam contra a revolução, aquele que não sabe distinguir estes sacrifícios de uma guerra de pilhagem, — é um representante do mais extremado atraso e devemos falar nele nestes termos: Temos de mandá-lo estudar o ABC e, antes de lhe darmos uma educação extra-tutorial, devemos lhe dar educação primária; ou então este homem é um representante da mais miserável hipocrisia kolchakiana, sejam quais forem os nomes atrás dos quais se esconda. Mas tais acusações contra os Bolcheviques são as acusações com maior aceitação.

Estas acusações são, na realidade, facilmente aceitas por grandes massas de trabalhadores, pois é duro, para o camponês atrasado, compreender isto, pois sofre com a guerra, seja qual for a sua natureza. Não fico admirado se ouvir tais frases entre o campesinato atrasado: ''Lutamos pelo Czar, lutamos pelos Mencheviques e, agora, estamos lutando pelos Bolcheviques''. Isso não me espanta. De fato, a guerra é a guerra e traz consigo infindáveis e pesados sacrifícios. ''O Czar dizia que ela era pela liberdade e a emancipação da opressão; os Mencheviques diziam o mesmo; e agora os Bolcheviques dizem também o mesmo. Todos dizem o mesmo, como é que havemos de nos entender?''

De fato, como pode o camponês atrasado descobrir a verdade? Temos ainda que lhe ensinar a gramática política elementar. Mas que podemos nós dizer de uma pessoa que utiliza as palavras ''Revolução'', ''Democracia'', ''Socialismo'', que finge usar estas palavras e compreendê-las?

Não se pode brincar com tais conceitos a não ser que queira ser transformado em uma fraude política, pois a diferença entre uma guerra de dois bandos de ladrões e uma guerra em que uma classe oprimida está empenhada como revolta contra qualquer espécie de rapina é uma diferença elementar, profunda e fundamental. Não é uma questão deste ou daquele partido, desta ou daquela classe, deste ou daquele governo justificando a guerra, mas uma questão do conteúdo dessa guerra, de qual o seu conteúdo de classe, qual a classe que está empenhada nela, em que política se baseia essa guerra.

II

Do problema da apreciação deste difícil e pesado período que estamos vivendo e que está inevitavelmente ligado com a revolução, passarei a uma outra questão política, que também aqui e em todo lugar faz parte de todas as discussões e mal-entendidos; é a questão *um bloco*, de uma aliança, um acordo com os imperialistas.

Na certa já viram nos jornais os nomes dos revolucionários socialistas Volsky e Svyatitsky, que recentemente escreviam no "Isvestia", os quais lançaram o seu manifesto e se consideram a si próprios, de fato, como socialistas revolucionários que não podem ser acusados de Kolchakismo. Abandonaram Kolchak, sofreram nas mãos de Kolchak e, aderindo a nós, lutaram contra Kolchak. Isto é verdade. Mas analisemos os argumentos destes cidadãos, analisemos como eles julgam a questão de um *bloco*, de uma aliança ou acordo com os imperialistas. Eu próprio tomei conhecimento dos seus argumentos quando os seus escritos foram confiscados pelo nosso governo, que então fazia frente à contra-revolução, e quando era necessário conhecer pessoalmente os seus argumentos para julgar corretamente a sua participação no *Kolchakismo*. Sem dúvida, eles são o que há de melhor entre os S.R. E nos seus escritos encontrei argumentos do gênero: "Esperam de nós arrependimento: esperam que nos arrependamos. Não, nunca! Nada temos de que nos arrepender! Acusam-nos de ter feito um bloco, um acordo com a "Entente", com os imperialistas. Mas não haveis vós, Bolcheviques, feito um acordo com os imperialistas alemães? Que foi Brest? Brest foi um acordo com os imperialistas, ou não? Vocês fizeram um acordo com o imperialismo alemão em Brest, nós fizemos um acordo com o imperialismo francês — estamos quites, não temos nada do que nos arrepender!"

Encontro este argumento — que descobri nos escritos das pessoas atrás citadas e dos seus seguidores — sempre que recordo os jornais já por mim nomeados, sempre que tento resumir as minhas impressões sobre as afirmações dos filisteus. Estamos constantemente encontrando este argumento. Este é um dos principais argumentos políticos que temos que enfrentar. Portanto peço-vos para examiná-lo, analisá-lo e considerá-lo teoricamente. Que significa? Têm razão aqueles que dizem: "Nós. Democratas, Socialistas, formamos um bloco com a "Entente", vocês formaram um bloco com Guilherme, assinaram a paz de Brest; por que então censurar-nos? Não estaremos quites? Ou teremos nós razão ao afirmarmos que aqueles que se desmascararam, não por palavras mas por atos, ao celebrarem o acordo com a "Entente" contra a revolução bolchevique, são "kolchakianos"?

Embora o tenham negado milhares de vezes, embora tenham pessoalmente abandonado Kolchak e declarado a todo o povo que estão contra Kolchak, são, no fundo, Kolchakianos, pelo conteúdo e significado dos seus argumentos e atos. Quem tem razão? É esta a principal questão da revolução e nós temos que pensar nela.

Para explicar esta questão, me permitirei fazer uma comparação, desta vez não com um determinado revolucionário, mas com um determinado filisteu. Imaginem que bandidos cercam o vosso carro e vos ameaçam com o revólver. Imaginem que depois disto lhes entregais o vosso dinheiro e as vossas armas, deixando-os partir no vosso carro. Que aconteceu? Vocês deram aos bandidos armas e dinheiro. Isto é um fato. Imaginem agora que um outro cidadão lhes tenha dado armas e dinheiro para ficar com uma parte dos ataques destes bandidos contra cidadãos pacíficos.

Em ambos os casos há um acordo. Escrito ou não, verbal ou não, não interessa. Imaginem que uma pessoa entrega silenciosamente o seu revólver, as suas armas e o seu dinheiro. O significado deste acordo é claro — "Eu lhe dou o meu revólver, as minhas armas e o meu dinheiro, e você me deixa sair da sua agradável presença" (risos); é obviamente um acordo. Exatamente da mesma maneira, é possível concluir-se um acordo silencioso, entregando armas e dinheiro aos bandidos para que eles possam roubar os outros, recebendo depois parte dos despojos. Isso também é um acordo silencioso (⁴).

Pergunto-vos: será possível encontrar alguém, não totalmente ignorante, incapaz de distinguir estes dois acordos? Responder-me-ão: Se realmente se puder encontrar uma tal pessoa, que não consegue distinguir entre uma e outra espécie de acordo e que diz: "Você deu as suas armas e dinheiro aos bandidos, portanto não acuse nunca mais ninguém de banditismo; que direito tem de acusar alguém de banditismo depois disto?" Dirão que uma tal pessoa só pode ser um cretino. Se a encontrarem, então terão que reconhecer, ou pelo menos 99% reconhecerão, que ela não está no seu perfeito juízo e que é impossível argumentar com um tal indivíduo, não só politicamente, como até sobre assuntos de criminologia.

Peço-vos agora para passarem deste exemplo a *uma comparação da Paz de Brest e do acordo com a* "Entente". O que foi a Paz de Brest? Foi ou não foi a violência dos bandidos que nos atacaram numa hora em que nós, honestamente, oferecíamos a paz ao propor a todos os povos a destruição da sua própria burguesia? Teria sido interessante se tivéssemos começado pela destruição da burguesia alemã! Desmascaramos este tratado aos olhos do mundo, como sendo um tratado de ladrões e de gatunos, condenamo-lo e chegamos a recusar assiná-lo, contando com o apoio dos trabalhadores alemães. Quando estes violadores nos atacaram com um revólver, dissemos: Levem as nossas armas, o nosso dinheiro, mais tarde resolveremos a questão por outros meios. Conhecemos um outro inimigo do imperialismo alemão que as pessoas cegas não viram — os

---

(⁴) *Lenin* — foi realmente assaltado por bandidos no Inverno de 1918. Assaltaram o seu carro, levaram-lhe a carteira e o revólver do motorista e fugiram no carro. Usa este exemplo também na "Ala Esquerda do Comunismo" contra George Lansbury e contra os dirigentes do Partido Trabalhista Inglês. (nota do trad. inglês).

trabalhadores alemães. Poderá este acordo com o imperialismo ser comparado com o gênero de acordo que Democratas Socialistas, Socialistas-Revolucionários — não estou brincando, quanto mais forte é o "rótulo", mais altissonante ele é — fizeram com a "Entente" para marcharem contra os trabalhadores do seu próprio país? Mas isto era o que acontecia naquele momento e o que acontece ainda agora. Pois o setor mais influente dos Mencheviques, que são famosos na Europa, e dos S. Rs., atualmente no estrangeiro, está neste momento fazendo um acordo com a "Entente". Se é por escrito ou não, não sei — mas na certa não o é, pois as pessoas prudentes fazem estas coisas em silêncio. Mas não há dúvida que tal acordo existe; pois que tomam essas pessoas nos braços, dão-lhes passaportes, informam o mundo inteiro, por telégrafo, que Axelrod falou hoje, amanhã será a vez de Savinkov ou de Auksentiev e depois de amanhã Breshkovskaya. Isto é realmente um acordo embora não verbal. E será o mesmo tipo de acordo que o nosso? Superficialmente é semelhante ao nosso da mesma forma que, superficialmente ainda, o ato do homem que entrega armas e dinheiro aos bandidos é semelhante a qualquer ato do mesmo gênero, independente dos seus fins e caráter — em qualquer dos casos, independente da razão pela qual o fazem. Faço-o para me libertar deles, quando me atacam e quando estou na posição em que eles me matarão se não o fizer; ou dou o dinheiro e as armas aos bandidos que, com o meu conhecimento, vão cometer um roubo de cujo produto me beneficio?

"Claro que chamo a isto emancipação da Rússia da ditadura dos seus violadores e eu sou, como é óbvio, um Democrata, pois apóio a Democracia Siberiana ou Archangel, e luto, como é evidente, pela Assembléia Constituinte. Não ousem suspeitar de mim e, se estou ao serviço dos bandidos, dos imperialistas ingleses, franceses e americanos, faço-o no interesse da Democracia, da Assembléia Constituinte, do Poder do Povo, da unidade das classes trabalhadoras da população e pela destruição dos violadores, dos usurpadores, dos Bolcheviques".

Os objetivos, claro, são muito louváveis. Mas não sabe qualquer pessoa que se ocupa de política, que as políticas são julgadas não pelas declarações mas sim pelo verdadeiro conteúdo de classe? A que classe servem? Se vocês concordam com os imperialistas, então estão participando de banditismo, ou não?

Na minha "Carta aos trabalhadores Americanos", mostrei, a propósito, que o povo revolucionário americano quando se emancipou no século XVIII da Inglaterra, quando desenvolveu uma das primeiras e maiores guerras — realmente emancipadoras — da humanidade, e que das poucas guerras que foi verdadeiramente revolucionária, o grande e revolucionário povo americano, libertando-se, fez um acordo com os bandidos do imperialismo espanhol e francês, que então possuíam colônias na própria América. Aliando-se a estes bandidos, derrotaram os ingleses e libertaram-se deles. Haverá algum povo que saiba ler, haveis alguma vez visto alguns Socialistas, Socialistas-Revolucionários, representantes da Democracia, ou com outro nome qualquer, inclusive Mencheviques, haveis alguma vez visto que, por esta razão, eles tenham decidido acusar publicamente o povo Americano, dizendo que eles tinham violado os princípios da Democracia, da Liberdade, etc.? Ainda não nasceu um tal louco. Mas hoje temos realmente entre nós pessoas desse gênero, que se dizem Socialistas e representantes da Democracia, e que pretendem mesmo juntar-se a nós numa Internacional, e que no entanto consideram insolência dos Bolcheviques — é bem conhecida a insolência Bolchevique — quando estes formam a sua própria Internacional Comunista e se negam a entrar na "Internacional de Berna, a boa, a velha, a geral, a única Internacional"!

E existem realmente pessoas que dizem: "Nada temos do que nos arrepender — vocês fizeram um acordo com Guilherme e nós fizemos um acordo com a "Entente" — estamos quites!"

Declaro que estas pessoas, se é que possuem uma mínima preparação política, são Kolchakianos, por mais que neguem esta personalidade, por mais que o Kolchakismo os repugne, por mais que tenham sofrido, pessoalmente, nas mãos de Kolchak, e mesmo apesar de se terem passado para o nosso lado. São Kolchakianos, já que é impossível acreditar que não compreendam a diferença entre um acordo forçado na luta contra os exploradores, que as classes exploradas foram obrigadas a concluir aqui ou em qualquer lado, no decurso de toda a história da revolução, e aquele que os mais influentes representantes dos nossos pseudo-Democratas fizeram e estão fazendo os representantes da "intelligentsia" pseudo-Socialista, que entraram parcialmente ontem e estão entrando parcialmente hoje em um acordo com os bandidos e assaltantes de estradas do imperialismo internacional contra uma parte (eles falam assim), contra uma parte das classes trabalhadoras do seu próprio país. Estas pessoas são Kolchakianas e não pode haver qualquer outra atitude em relação a elas senão aquela que revolucionários conscientes devem tomar para com Kolchakianos.

III

Passarei agora à questão seguinte — A atitude em relação à Democracia em geral.

Já tive várias vezes que fazer notar que a justificação, a defesa mais proveitosa destas posições políticas que os Democratas lançam contra nós, é a referência à Democracia. Como sabem, claro, Kautsky, o chefe ideológico da Segunda Internacional e, até agora, membro da Internacional de Berna, apareceu na literatura européia como o mais decisivo representante deste ponto de vista. "Os Bolcheviques escolheram um método que viola a Democracia, os Bolcheviques escolheram o método da ditadura e, portanto, a sua causa é injusta," é assim que ele argumenta. Esta conclusão apareceu milhares de vezes em todo o lado e aparece constantemente em toda a imprensa e nos jornais já mencionados por mim. Toda a "intelligentsia" o repete constantemente e, por vezes, os filisteus repetem-no, semiconscientemente, nos seus argumentos. "A Democracia é liberdade, é igualdade, é a decisão da maioria; que pode haver de mais importante do que a liberdade, a igualdade, a decisão da maioria! Se vocês, Bolcheviques, se afastaram disto, e ainda tiveram a ousadia de declarar abertamente que são mais importantes que a liberdade, a igualdade, e a decisão da maioria, então não se surpreendam e não se queixem se vos chamarem de usurpadores e violadores!"

De modo algum nos surpreendemos, pois desejamos clareza acima de tudo, e só contamos com o setor avançado dos trabalhadores que têm uma real e verdadeira consciência da sua posição. Sim, dissemos, e dizemo-lo sempre, no nosso programa, no programa do partido que não lançamos, fraudulentamente, tais slogans altissonantes como "liberdade", "igualdade" e "a vontade da maioria", e que consideramos esses que se intitulam de Democratas, adeptos da pura Democracia, adeptos da Democracia consistente, preferindo direta ou indiretamente esta à ditadura do proletariado, consideramo-los como aliados de Kolchak.

Esclareça-se, pois é necessário esclarecê-lo. Serão os Democratas puros realmente censuráveis por ensinarem a pura Democracia, por a defenderem contra os usurpadores, ou são censuráveis por surgirem ao lado da classe capitalista, ao lado de Kolchak? Comecemos por esclarecer a noção de "liberdade". "Liberdade", é inútil acentuá-lo, é um slogan muito, muito importante em qualquer revolução, Socialista ou Democrática. Mas o nosso programa declara: "*A Liberdade é uma fraude se se opõe à emancipação do Trabalho da opressão do*

Capital''. E qualquer pessoa que tiver lido Marx — quem quer que tenha lido mesmo uma divulgação popular de Marx — sabe que ele devotou a maior parte da sua vida, das suas obras e a maior parte das suas investigações científicas, exatamente à ridicularização da liberdade, igualdade, vontade da maioria e a todas as espécies de Benthams que o descrevem, para provar que por detrás destas frases se encontram os interesses da liberdade do proprietário, a liberdade do Capital, para oprimir as massas trabalhadoras.

No momento em que se atingir a destruição do poder do Capital em todo o mundo, ou mesmo num país, nesse momento histórico, quando a principal tarefa for a luta das classes trabalhadoras pelo total aniquilamento do Capital, pela completa destruição da produção mercantil, qualquer pessoa que, em tal momento político, utilize as palavras ''Liberdade em geral'', que, em nome desta liberdade atue contra a ditadura do proletariado, está a serviço dos exploradores e nada mais, é sua aliada, porque a liberdade, quando não subordinada aos interesses da emancipação do Trabalho do jugo do Capital, é uma fraude, como declaramos claramente no nosso programa do partido. Talvez isto seja supérfluo do ponto de vista da formulação externa do programa, mas é fundamental do ponto de vista da nossa propaganda e educação, do ponto de vista dos fundamentos da luta proletária e do poder proletário. Sabemos perfeitamente que temos que lutar contra o Capital mundial, sabemos perfeitamente que o Capital mundial, no seu tempo, teve à sua frente a tarefa de criar a liberdade, que destruiu a escravatura feudal, que criou a liberdade burguesa, sabemos perfeitamente que isto foi um progresso histórico mundial. E declaramos que somos contra o Capital em geral, contra o Capitalismo Republicano, contra o Capitalismo Democrático, contra o livre Capitalismo e, claro está, sabemos que ele erguerá a bandeira da liberdade contra nós. E nós respondemos. Consideramos essencial dar-lhe esta resposta no nosso programa.

Qualquer espécie de Liberdade é uma fraude, se é contrária aos interesses da emancipação do Trabalho da opressão do Capital.

Mas talvez isto seja impossível? Talvez seja impossível que a liberdade seja contrária à emancipação do Trabalho do jugo do Capital. Reparem em todos os países da Europa Ocidental, onde quer que tenham estado, ou sobre os quais tenham lido. Em todos os livros, o seu sistema é descrito como o sistema mais livre, e agora esses "países civilizados" — França, Inglaterra, América — erguem esse estandarte, marcham contra os Bolcheviques "em nome da Liberdade". Ainda há poucos dias atrás — recebemos agora raramente os jornais franceses porque estamos cercados por um anel, mas a informação chega-nos pelo telégrafo, dado que por enquanto ainda é impossível cercar o ar, e ouvimos as emissões de rádio estrangeiras — consegui ler nos boletins emitidos pelo governo francês de rapina que, indo contra os Bolcheviques e apoiando os seus adversários, a França está a manter mais que nunca o seu "alto ideal de Liberdade". Encontramos coisas deste gênero a cada passo, isto é usual em todas as suas polêmicas contra nós.

E a que chamam eles liberdade? Estes "civilizados" franceses, ingleses e americanos chamam liberdade mesmo à liberdade de reunião. Na Constituição deve estar escrito: "Liberdade de reunião para todos os cidadãos". "Isto", dizem eles, "é o verdadeiro significado e a principal manifestação de liberdade. E vocês, Bolcheviques, violaram a liberdade de reunião".

Sim, respondemos nós, a vossa liberdade, cavalheiros ingleses, franceses, americanos, é uma fraude, se está em contradição com a emancipação do Trabalho da opressão do Capital. Esqueceram um pormenor, civilizados cavalheiros; esqueceram que a vossa liberdade está escrita numa Constituição que *legaliza a propriedade privada*. É esta a essência do problema.

Juntamente com a liberdade, a propriedade — é assim na realidade que está escrito na vossa Constituição. O fato de reconhecerem a liberdade de reunião é, claro, um imenso progresso em comparação com a ordem feudal, com a lei de servidão medieval. Todos os Socialistas o reconheceram ao utilizar esta liberdade da sociedade burguesa para ensinar ao proletariado o modo de acabar com a opressão do Capitalismo.

Mas a vossa liberdade é de uma tal espécie que é uma liberdade no papel e não na prática. Isto significa que os grandes auditórios que existem nas grandes cidades, como este onde agora nos encontramos, pertencem aos capitalistas e aos proprietários e chamam-se, por exemplo, "A Sala dos Nobres"(5).

Podeis reunir-vos livremente com cidadãos da República Democrática Russa, mas isso é propriedade privada, desculpem-me, tendes que respeitar a propriedade privada senão passais a ser Bolcheviques, criminosos, ladrões, gatunos, pessoas insolentes. Mas nós dizemos: "Estamos virando isto de pernas pro ar. Primeiro transformamos este edifício, a "Sala dos Nobres", num edifício das organizações dos trabalhadores e só então falaremos de liberdade de reunião. Vocês acusam-nos de violarmos a liberdade; nós afirmamos que qualquer liberdade não subordinada aos interesses da emancipação do Trabalho da opressão do Capital é uma fraude. A liberdade de reunião, incluída nas Constituições de todas as repúblicas burguesas, é uma fraude porque, quando queremos nos reunir, protegidos do tempo, os melhores edificios são propriedade privada. Primeiro apoderemo-nos dos melhores edifícios e, então, depois falaremos sobre liberdade.

Afirmamos que a liberdade de reunião para os capitalistas é o maior crime contra os trabalhadores, que não é mais que a liberdade de reunião dos contra-revolucionários. Aos cavalheiros intelectuais burgueses, aos cavalheiros que apóiam a Democracia, dizemos: Vocês mentem quando nos atiram à cara a acusação de estarmos destruindo a liberdade! Quando os vossos grandes revolucionários burgueses, na Inglaterra de 1649, na França de 1792/3, desencadearam uma revolução, não permitiram a liberdade de reunião aos Monárquicos. A Revolução Francesa é chamada, a Grande, porque não se caracterizou por molezas, meias-tintas, nem pelo palavreado de muitas das revoluções de 1848, e porque foi uma revolução a sério que não só derrubou os Monárquicos, como também os suprimiu. Também nós sabemos como tratar os cavalheiros capitalistas, pois sabemos como tratar de emancipar os trabalhadores do jugo do Capital, é necessário retirar a liberdade de reunião aos capitalistas, é necessário retirar ou cortar-lhes a sua "liberdade". Isto ajuda a emancipação do Trabalho da opressão do Capital, isto constrói essa verdadeira liberdade, sob a qual não existirão grandes edifícios onde apenas uma família vive e que pertence a um único indivíduo — trata-se aqui de um proprietário, de um capitalista ou de uma sociedade anônima. Quando isto acontecer, então o povo se esquecerá de que é possível existirem edifícios públicos propriedade de um particular. Nessa altura seremos pela total "liberdade". Quando só houver no mundo trabalhadores e as pessoas se esquecerem de pensar em como era possível ser um membro da sociedade e não um trabalhador — isto não acontecerá tão cedo, e a culpa é dos cavalheiros burgueses, assim como dos cavalheiros intelectuais burgueses — então seremos pela liberdade de reunião para todos, mas hoje a liberdade de reunião significa liberdade de reunião dos Capitalistas, dos contra-revolucionários. Lutamos contra eles, e havemos de abolir esta liberdade.

---

(5) O Congresso onde Lenin estava falando era na "Sala dos Nobres" de Moscou, hoje a "Casa dos Sindicatos" (nota do trad. inglês).

Estamos numa batalha — é este o significado da ditadura do proletariado. Passaram os dias do Socialismo ingênuo, utópico, fantasista, mecânico e intelectual, quando se pensava que bastava convencer a maioria das pessoas e pintar um belo quadro da sociedade socialista para que a maioria adotasse o ponto de vista do Socialismo. Passou o tempo em que era possível iludirmo-nos a nós mesmos e aos outros com estas histórias de fadas. O Marxismo, que reconhece como inevitável a luta de classes, afirma: A Humanidade só pode atingir o Socialismo através da Ditadura do Proletariado. Ditadura é uma palavra crua, séria, sangrenta e terrível, e tais palavras não devem ser atiradas levianamente. Se os Socialistas lançaram um tal slogan é porque sabem que a classe dos exploradores só cederá em resultado duma luta desesperada e sem piedade e tentará disfarçar o seu domínio por meio das mais variadas palavras agradáveis.

Liberdade de reunião — haverá outra palavra que soe melhor? Será possível imaginar o desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores sem liberdade de reunião? Mas nós afirmamos que a liberdade de reunião nas Constituições da Inglaterra e dos Estados Unidos da América do Norte, é uma fraude porque ata as mãos das massas trabalhadoras durante o período de transição para o Socialismo, é uma fraude porque sabemos perfeitamente que a burguesia fará tudo para derrubar este poder, que é tão insólito, tão "monstruoso", no início. Não pode ser de outro modo aos olhos daqueles que refletiram sobre a luta de classes que refletiram, concreta e claramente sobre as relações dos trabalhadores em revolta contra a burguesia que foi derrubada num único país, e ainda não em todos, e que, portanto, precisamente por não estar ainda totalmente derrubada, se lança à luta com o maior ódio.

Exatamente depois da destruição da burguesia, a luta de classes assume as suas mais profundas formas e esses Democratas e Socialistas não servem para nada e enganam-se a si próprios e depois os outros ao afirmarem que dado que a burguesia foi derrubada, a tarefa chegou ao fim. É apenas o começo e não o fim; porque a burguesia ainda não acredita que foi derrubada e na véspera da Revolução de Outubro gracejava ainda muito feliz e despreocupada. Milyukov gracejava assim como Chernov (⁶) e os seguidores do jornal "Novaya Zhizn". Gracejavam porque não tomavam as coisas seriamente, mas agora viram que as coisas eram sérias; os cavalheiros burgueses ingleses, franceses e suíços, que consideravam a sua "república democrática" como uma armadura que os defendia, viram e reconheceram também que as coisas tinham tomado um aspecto sério e agora estão todos a armar-se. Se pudessem ver o que está se passando na "livre" Suíça, como estão a armar literalmente todos os burgueses, como está sendo criada uma Guarda Branca porque sabem que as coisas chegaram a um ponto em que se põe a questão de conseguirem manter os seus privilégios, que lhes permitem conservar milhões de pessoas em escravatura salarial. Hoje a luta estendeu-se a todo o mundo, e portanto quem hoje nos ataca com palavras como "Democracia", "Liberdade", está ao lado da classe capitalista, ilude o povo, pois não compreende que a liberdade e a Democracia, até hoje, foram a liberdade e a Democracia dos *proprietários* e meras migalhas para os sem-propriedades.

Que é liberdade de reunião quando os trabalhadores são esmagados pela escravatura do Capital e pelo trabalho para o Capital? É uma fraude, e, para se conseguir a liberdade dos trabalhadores é necessário, antes de tudo, vencer a resistência dos exploradores; mas se eu tenho de me haver com a resistência de toda uma classe, então é óbvio que não posso prometer nem liberdade, nem igualdade ou mesmo decisão majoritária a essa classe.

IV

Passo agora da liberdade para a igualdade. Aqui o problema é ainda mais complexo. Neste caso estamos

---

(⁶) Milyukov e Chernov — Membros do governo burguês diante de uma questão ainda mais séria, que provoca desacordos ainda maiores e mais violentos.

A revolução, no seu curso, destrói uma após outra as classes exploradoras. Primeiro destruiu a monarquia, e entendeu por liberdade simplesmente a existência do poder eleitoral, de uma república. Em seguida destruiu os proprietários, e vocês sabem que toda a luta contra a ordem medieval, contra o feudalismo, se fez sob o slogan de "Igualdade". Todos são iguais, sejam quais forem os seus bens; todos são iguais, inclusive o milionário e o vagabundo — era assim que os revolucionários do período que ficou na história como o período da Grande Revolução Francesa, sinceramente falavam, pensavam e consideravam. A revolução fez-se contra os proprietários sob o slogan de igualdade, e afirmava-se que a igualdade era a condição sob a qual o milionário e o trabalhador deviam possuir iguais direitos. A revolução avançou mais. Diz que a "Igualdade" — não o dissemos especialmente no nosso programa, mas é impossível continuar a repeti-lo sem fim, dado ser tão claro como o que dissemos sobre a liberdade — diz que a igualdade é uma fraude quando em contradição com a emancipação do Trabalho da opressão do Capital. Afirmamo-lo, e é totalmente verdade. Afirmamos que uma república Democrática com igualdade é uma mentira, uma fraude, porque na realidade a igualdade não existe nem pode existir, em virtude da propriedade privada dos meios de produção, do dinheiro e do Capital. É possível apossarmo-nos imediatamente da propriedade e dos edifícios suntuosos, é possível apossarmo-nos relativamente depressa do Capital e dos instrumentos de produção, mas quanto à propriedade em dinheiro, isso...!

O dinheiro — é a "nata" da riqueza social, a "nata" do trabalho social, o dinheiro é a prova do tributo de todos os trabalhadores, o dinheiro é a relíquia da antiga exploração. Eis o que é o dinheiro. Poderá ser destruído de uma hora para outra? Não. Antes da Revolução

Socialista, os Socialistas afirmaram que era impossível abolir imediatamente o dinheiro, e nós podemos confirmá-lo, por experiência. Para abolir o dinheiro são necessárias grandes conquistas técnicas e — o que é muito mais difícil e importante — organizacionais; e até as conseguirmos, é necessário manter uma igualdade em palavras na Constituição, e conservar condições tais que quem tiver dinheiro, possui, de fato, o direito de explorar. Ainda não conseguimos abolir totalmente o dinheiro; afirmamos que o dinheiro se manterá, e isto durante um largo espaço de tempo, durante o período transitório do velho sistema Capitalista ao novo sistema Socialista. A igualdade é uma fraude se está em oposição aos interesses da emancipação do Trabalho da opressão do Capital.

Engels tem toda a razão quando afirma que o conceito de igualdade é um preconceito estúpido e absurdo, separadamente da abolição de classes. Alguns professores burgueses tentaram convencer-nos dum conceito de igualdade pelo qual todos seriam iguais. Tentaram atribuir aos Socialistas este absurdo por eles inventado. Mas, na sua ignorância, não sabiam que os Socialistas, e especialmente os fundadores do moderno Socialismo Científico, Marx e Engels, tinham afirmado: a Igualdade é uma frase oca a não ser que por igualdade se entenda a abolição de classes. Só destruindo as classes haverá igualdade. Mas pretender que nós queremos fazer com que todos sejam iguais, não é senão uma frase sem sentido e uma invenção estúpida do intelectual que, por vezes conscientemente, deturpa as palavras, mas não tem qualquer significado, mesmo se se intitula escritor e por vezes mesmo como um homem culto, ou qualquer outra coisa.

E é isto que nós afirmamos. A igualdade é o nosso objetivo mas sob a forma de abolição de classes. Assim é também necessário destruir a diferença de classe entre trabalhadores e camponeses. É este precisamente o nosso objetivo. Uma sociedade em que se mantém a diferença de classe entre trabalhadores e camponeses não é nem Comunista, nem Socialista. Se interpretarmos a palavra Socialismo num certo sentido, ainda poderia chamar-se Socialista, mas isto é um mero jogo de palavras. O Socialismo é a primeira fase do Comunismo, mas não vale a pena discutir palavras. Uma coisa é certa: enquanto houver diferenças de classe entre trabalhadores e camponeses, não podemos falar de igualdade sem correr o risco de fazer o jogo da burguesia. Os camponeses são uma classe marcada por gerações e séculos de escravatura, e, no decurso de todas estas gerações, o camponês existiu como um *pequeno proprietário*, a princípio subordinado a outras classes e mais tarde formalmente livre e igual, mas como um proprietário e dono do indispensável à sua subsistência.

Chegamos agora à questão que provoca o maior número de censuras, vindas dos nossos inimigos, que origina o maior número de dúvidas entre as pessoas inexperientes e que não pensam, e o que mais nos separa daqueles que desejam ser considerados como Democratas ou como Socialistas e que se sentem ofendidos por nós não os considerarmos nem uma coisa nem outra, e por lhes chamarmos adeptos do Capitalismo, talvez por ignorância, mas, apesar de tudo, adeptos do Capitalismo.

A condição do camponês é tal, pelas suas condições de produção, pelas suas condições de vida, pelas condições da sua economia, que o camponês é semi-trabalhador e semi-especulador.

Isto é um fato. Só nos podemos livrar dele quando destruirmos o dinheiro, quando destruirmos a troca. E para conseguirmos isso são necessários anos e anos de firme domínio do proletariado, pois só ele é capaz de derrotar a burguesia. Quando nos dizem: "Vocês são os violadores da igualdade, vocês não só violaram a igualdade com os exploradores, mas violaram também a igualdade dos trabalhadores e camponeses, violaram a igualdade da "Democracia do Trabalho", vocês são uns criminosos! Nós respondemos: "Sim, violamos a igualdade dos trabalhadores e camponeses e afirmamos que vocês que são a favor dessa igualdade, são adeptos de Kolchak".

Não faz muito tempo li um espantoso artigo do Camarada Herminog, no "Pravda", no qual se apresentavam as teses do cidadão Sher, um dos mais "socialistas" dos Social-Democratas Mencheviques. Estas teses foram apresentadas numa das nossas instituições cooperativas. Estas teses são de tal espécie que deveriam ser gravadas e afixadas em todos os comitês executivos dos distritos Soviéticos com a seguinte inscrição "Eis aqui um Kolchakiano".

Sei perfeitamente que este cidadão Sher e os seus seguidores chamar-me-ão caluniador e até mesmo pior. No entanto, eu peço·àquelas pessoas que aprenderam o ABC da economia política e da gramática, para distinguir cuidadosamente quem tem razão e quem a não tem. O cidadão Sher diz que a política alimentar e, no geral, a política econômica do Poder Soviético não serve para nada e que é necessário passar, a princípio gradualmente e mais tarde em larga escala, ao comércio livre dos produtos alimentares e à garantia da propriedade privada.

Afirmo ser este o programa econômico e a base econômica de Kolchak. Declaro que quem tenha lido Marx, especialmente o 1° capítulo do "Capital", ou mesmo a divulgação de Marx feita por Kautsky — "Os ensinamentos econômicos de Karl Marx" — terá que chegar à conclusão que, especialmente num momento em que se dá a revolução do proletariado contra a burguesia, em que se está a destruir a propriedade dos latifundiários e dos Capitalistas, em que o campo morre de fome, arruinado por quatro anos de guerra imperialista, o comércio livre de trigo representa liberdade para o Capitalista, liberdade para a restauração do poder do Capital. Este é o programa econômico Kolchakiano, pois um Kolchak não vive de ar e vento.

Não basta censurar Kolchak por ter usado de violência contra os trabalhadores ou ter mesmo vergastado professores só por simpatizarem com os Bolcheviques. Isto é uma defesa vulgar da Democracia, uma maneira estúpida de acusar Kolchak. Kolchak atua com os meios que encontra à mão. Mas como se mantém ele economicamente? Mantém-se com o comércio livre, é a seu favor, e todos os capitalistas o apóiam exatamente por causa disso. Mas vocês dizem: "Abandonei Kolchak. Não sou um Kolchakiano". Isto, claro, só vos honra, mas ainda não chega para provar que tendes em cima dos ombros uma cabeça capaz de pensar. É assim que respondemos a essas pessoas, sem, de qualquer modo, prejudicar a honra dos S. Rs. e Mencheviques que abandonaram Kolchak quando viram que ele era um violador. Mas se há no país pessoas que se empenham numa luta desesperada contra Kolchak ao mesmo tempo que continuam a lutar pela "igualdade da Democracia do Trabalho", pelo comércio livre de trigo, então é porque são Kolchakianas, não compreendendo simplesmente as coisas, não sabendo quanto são dois mais dois.

Kolchak mantém-se porque, sempre que apanha um distrito rico em trigo (pode chamar-se Kolchak ou Denikin, os uniformes são diferentes mas significam o mesmo) permite que se pratique aí o comércio livre de trigo, e permite a *liberdade de restaurar o Capitalismo*. É isto que acontece em todas as revoluções, e é o que acontecerá conosco se passarmos de uma ditadura do proletariado para esta "liberdade" e para esta "igualdade" dos cavalheiros que se intitulam de "Democratas", "S. Rs", "Mencheviques de esquerda", etc., e até por vezes anarquistas — têm muitos nomes. Atualmente na Ucrânia, cada grupo adota um nome, cada qual mais "livre" que o outro, cada qual mais "democrático" que o outro, havendo um grupo em cada paróquia.

São os "defensores dos interesses do campesinato trabalhador", na maioria S.Rs, quem nos propõem a igualdade entre os trabalhadores e os camponeses. Outros, como o cidadão Sher, estudaram o Marxismo e ainda não compreenderam que não pode existir igualdade entre trabalhadores e camponeses no período de transição que vai do Capitalismo ao Socialismo, que aqueles que o prometem devem ser considerados como indivíduos que estão desenvolvendo o programa de Kolchak, mesmo inconscientemente. Afirmo que qualquer pessoa que tenha em conta as condições concretas do país, especialmente do nosso país totalmente arruinado, compreenderá isto.

Os nossos "Socialistas", que declaram que estamos agora no período da revolução burguesa, acusam-nos constantemente de Comunismo de consumidores. Alguns acrescentam Comunismo militar, e consideram-se acima disto, consideram-se acima desta "inferior" forma de Comunismo. Estas pessoas estão jogando com as palavras. Viram os livros, estudaram os livros, repetiram os livros e não compreenderam nada do que vinha nesses livros. É fácil encontrar-se tais pessoas, e até pessoas muito cultas. Leram nos livros que o Socialismo é o mais avançado desenvolvimento da produção. Até Kautsky o repete constantemente. Recentemente vi um jornal alemão, que inesperadamente nos veio parar às mãos, que se referia ao último Congresso dos Sovietes na Alemanha. Kautsky fez o relatório principal e nele acentuava — não ele pessoalmente, mas a sua esposa, pois ele encontrava-se doente e foi ela quem leu o relatório — que o Socialismo é a mais avançada forma de produção e que nem o Capitalismo nem o Socialismo podem ser mantidos sem produção e que os trabalhadores alemães não entendem isto.

Pobres trabalhadores alemães! Estão lutando contra Scheidemann e contra Noske (7), estão lutando contra os seus carrascos, tentando liquidar o poder dos carrascos, os Noskes e os Scheidemanns que ainda se consideram Social-Democratas, e imaginam que estão numa guerra civil! Liebknecht foi assassinado, Rosa de Luxemburgo ([8]) foi assassinada, todos os burgueses russos dizem e publicam nos seus jornais que: "é assim que temos de tratar os nossos Bolcheviques". Foi isto que foi publicado. Os que entendem o que se passa, sabem perfeitamente que toda a burguesia internacional adota este ponto de vista. Temos que nos defender. Scheidemann e Noske estão provocando uma guerra civil contra o proletariado. Guerra é guerra. Os trabalhadores alemães pensam que se encontram no meio de uma guerra civil e que tudo o que resta é secundário. Antes de mais nada o trabalhador precisa comer. Kautsky considera isto Comunismo Militar ou de consumo. É preciso desenvolver a produção!

---

(7) *Scheidemann e Noske* — Chefes da Social-Democracia alemã, então no poder.

Ah, sensatos cavalheiros! Mas como poderão vocês desenvolver a produção num país que foi saqueado e arruinado pelos imperialistas, onde não há carvão, nem matérias-primas, nem alimentos? "Desenvolver a produção!" Mas nunca houve nenhuma sessão do Conselho dos Comissários do Povo ou do Conselho de Defesa, onde não tivéssemos dividido todo o carvão e petróleo, sentindo ao mesmo tempo uma terrível sensação por não chegar para ninguém e portanto ser necessário decidir fechar fábricas aqui e ali deixando os trabalhadores sem trabalho — decisão terrível mas inevitável, visto não haver carvão. O carvão encontra-se na Bacia do Don; o carvão foi destruído pela invasão alemã. Tomemos por exemplo a Polônia e a Bélgica onde este fenômeno é típico. Isto está acontecendo em todo o lado, em consequência da guerra imperialista. Isto significa que haverá desemprego e fome ainda durante muitos anos, pois há minas que, uma vez inundadas não

---

([8]) *Liebknecht e Rosa de Luxemburgo* — Dirigentes do grupo *Spartakus*, facção revolucionária do Partido Social-Democrata Alemão.

podem voltar a ser restauradas durante muitos anos. E aqui estamos nós ouvindo essas pessoas que nos dizem: "O Socialismo é o aumento da produtividade". Vocês leram livros, caros senhores, escreveram livros e nada entenderam do que lá vinha. (Aplausos).

Claro que, sob o ponto de vista de uma sociedade capitalista, que transite pacificamente, em tempo de paz, ao Socialismo, a tarefa mais urgente será a de aumentar a produtividade. Só é necessário acrescentar uma pequena palavra, "se". Se o Socialismo tiver nascido pacificamente, coisa que os cavalheiros capitalistas pretendem contrariar. Há aqui uma pequena incongruência. Mesmo que não tivesse havido guerra, os cavalheiros capitalistas teriam feito tudo para evitar um tal desenvolvimento pacífico. Grandes revoluções, mesmo quando começaram pacificamente, como a Grande Revolução Francesa, acabaram em guerras furiosas declaradas pela burguesia contra-revolucionária. Não pode ser de outra maneira, se encararmos este problema do ponto de vista da luta de classes e não do ponto de vista da fraseologia filistina sobre "liberdade", "igualdade", "Democracia do Trabalho" e "a vontade da maioria", ou do ponto de vista da fraseologia estúpida e filistina pela qual os Mencheviques e os S. Rs. e todos esses "Democratas" nos tratam. Não pode haver desenvolvimento pacífico para o Socialismo. E, nesta altura, após a guerra imperialista, seria ridículo afirmar que o desenvolvimento continuaria pacificamente, especialmente num país arruinado. Vejam a França. A França é um país vitorioso e a sua produção de trigo foi reduzida à metade. Na Inglaterra, como tenho visto nos seus jornais burgueses, dizem: "Nós somos agora mendigos". E, num país arruinado, censuram os Comunistas por a produção encontrar-se estacionária. Quem o afirmar ou é um idiota completo, mesmo que se intitule o chefe da Internacional de Berna, ou então é um traidor à causa dos trabalhadores.

Num país devastado, a primeira tarefa é salvar os *trabalhadores. A primeira força produtiva de toda a humanidade é o trabalhador.* Se ele sobreviver salvaremos e restauraremos tudo.

Estamos enfrentando muitos anos de pobreza e retrocesso à barbárie. A guerra imperialista voltou a lançar-nos na barbárie, e se salvarmos os trabalhadores, se salvarmos a principal força produtiva da humanidade — o trabalhador — restauraremos tudo; se não o conseguirmos salvar, morreremos. Portanto quem, no atual momento, clamar contra o Comunismo Militar e de consumo, imaginando-se num plano superior, acima desses Comunistas Bolcheviques, esse homem, volto a dizê-lo, não compreende absolutamente nada de economia política e vomita citações como um professor que, por assim dizer, tem um fichário de citações na cabeça e as lança pela boca afora, mas que ao ouvir uma nova combinação, que não se encontra escrita no livro entra em pânico e diz a citação errada.

Numa altura em que o país se encontra devastado, a nossa principal tarefa será manter a vida do trabalhador, salvar o *trabalhador*, pois os trabalhadores estão morrendo porque as fábricas se encontram paradas, em virtude de não haver combustível e porque a nossa produção é totalmente artificial, dado a indústria estar cortada das suas fontes de matérias-primas. Isto acontece em todo o mundo. A matéria-prima tem que ser transportada para a fábrica de algodão russa do Egito, da América, ou mais próximo, do Turquestão, e tentar transportá-la quando aí existem grupos contra-revolucionários, quando as tropas inglesas tomaram Askhabab e Krasonvodsk; transportá-la do Egito, da América, quando as estradas de ferro não transportam alimentos, quando se encontram arruinadas, quando se encontram paradas e não há carvão. O trabalhador tem que ser salvo mesmo que não possa trabalhar. Se o salvarmos nestes anos mais próximos, salvaremos o país, a sociedade e o Socialismo. Se não o salvarmos, regressaremos à escravatura salarial. É neste pé que a questão do Socialismo se encontra, pois não nasceu da imaginação de um louco pacífico, que se intitula "Social-Democrata", mas sim da realidade, de uma aguda, furiosa e desesperada luta de classes. Isto é um fato. Tudo deve ser sacrificado com o fim de salvar a existência do trabalhador. E assim, quando vêm ter conosco e nos dizem: "Nós somos pela igualdade da Democracia do Trabalho, enquanto que vocês, Comunistas, não permitem a igualdade mesmo entre os trabalhadores e os camponeses", nós respondemos que o trabalhador e o camponês são iguais como trabalhadores, mas que o especulador bem alimentado não é igual ao trabalhador faminto. É só por esta razão que na nossa Constituição se diz que o trabalhador e o camponês não são iguais.

Dizem que deveriam ser iguais? Vamos pesá-los, contá-los. Tomemos 60 camponeses e 10 trabalhadores. Os 60 camponeses possuem um excedente de trigo. Andam esfarrapados, mas possuem trigo. Tomemos agora os 10 trabalhadores. Depois da guerra imperialista, ficaram esfarrapados, torturados, sem pão, sem combustível ou sem matérias-primas. As fábricas estão paradas. Serão iguais, na vossa opinião? Os 60 camponeses têm o direito de decidir e os 10 trabalhadores têm que obedecer? E é este o grande princípio da igualdade, da unidade da Democracia do Trabalho e da vontade da maioria...!!!

É isto que nos dizem. Nós respondemos: "Vocês são uns maus brincalhões, pois falam com belas palavras e escondem o problema da fome".

Perguntamos — Será que os trabalhadores de um país arruinado, com as fábricas paradas, deverão obedecer à decisão da maioria dos camponeses se estes se negam a entregar o seu excedente de trigo? Terão o direito de tomar este excedente de trigo, mesmo pela força, se de outra maneira for impossível? Respondam de um modo direto! Aqui diante destas questões concretas, começam esses senhores a torcer-se.

Em todos os países a indústria está e estará arruinada durante alguns anos, porque as fábricas foram destruídas e as minas inundadas — Qualquer louco, qualquer oficial alemão ou francês poderá, com toda a facilidade, particularmente se dispuser de bons explosivos e canhões, destruir vagões, locomotivas, etc. Mas reconstruir é muito mais difícil, e exige anos.

Os camponeses são uma classe especial. Como trabalhadores, são inimigos da exploração capitalista, mas são, simultaneamente, possuidores de propriedades. Durante séculos o camponês foi criado na idéia de que o trigo lhe pertence e que é livre para o vender. ''Tenho esse direito'', pensa o camponês, ''pois é o meu trabalho, o suor do meu rosto''. É impossível reformar rapidamente a sua psicologia. É um longo e difícil processo de luta. Quem pensar que a transição para o Socialismo é uma questão de se convencer outrem, e este, por sua vez, convencer um outro, é, na melhor das hipóteses, uma criança, ou um político hipócrita; mas aqueles que apresentam isto como uma plataforma política, esses pertencem, evidentemente, à segunda categoria.

A verdade é que o camponês está habituado ao comércio livre de trigo. Quando destruímos as instituições capitalistas parecia haver ainda uma força que mantinha o Capitalismo, a força do hábito. Quanto mais decididamente destruíamos todas as instituições que mantinham o Capitalismo, tanto mais clara se tornava a outra força que o Capitalismo tem mantido — a força do hábito. Com sorte, podem esmagar-se rapidamente as instituições, mas o hábito nunca poderá ser esmagado de um momento para o outro, mesmo com sorte. Quando entregamos todas as terras aos camponeses e os libertamos dos proprietários de terras, quando destruímos tudo o que os prendia, continuaram a considerar a ''liberdade'' como sendo o comércio livre de trigo, e a ausência de liberdade a obrigação de entregar o excedente a um preço fixo. O camponês encoleriza-se, principalmente quando o aparelho é, além do mais, mau, e mau porque toda a "intelligentsia" burguesa se encontra ao lado do Sukharevka (⁹). É óbvio que este aparelho tem de se basear nas pessoas que aprendem e que, na melhor das hipóteses, aprenderão durante alguns anos, enquanto que o aparelho se conservará mau até então e encobrirá, por vezes, toda a espécie de velhacos, que se intitulam de comunistas. Este perigo ameaça todo o partido dirigente, todo o proletariado vitorioso, pois é impossível esmagar de repente a resistência da burguesia ou montar um aparelho perfeito. Sabemos perfeitamente que o aparelho de Komprod (¹⁰) ainda é mau. Fizeram-se recentemente investigações estatísticas científicas sobre o modo como os trabalhadores das províncias não agrícolas são alimentados. Verificou-se que recebem metade de todos os seus produtos do Komprod e a outra metade de especuladores. Pela primeira parte, pagam um décimo do seu rendimento em alimentos e pela segunda, nove décimos.

Metade das provisões de comida é requisitada e fornecida pela Komprod, mal requisitada, claro, mas requisitada à maneira socialista e não à maneira capitalista. É requisitada o que constitui uma vitória sobre os especuladores e não um acordo com eles. É requisitada por meio do sacrifício de todos os interesses existentes, incluindo os interesses da "igualdade" formal, tão alardeada pelos cavalheiros Mencheviques, pelos S.Rs. e Co., à custa dos interesses dos trabalhadores esfomeados. Fiquem com a vossa "igualdade", cavalheiros, que nós ficaremos com os trabalhadores esfomeados que assim salvamos da fome. Por muito que os Mencheviques nos acusem de quebrar a "igualdade", a verdade é que resolvemos metade da tarefa de abastecimento em

---

(⁹) O principal mercado de Moscou e centro de especulação (nota do trad. inglês).

(¹⁰) O organismo de requisição e racionamento de alimentos. (nota do trad. inglês).

condições incalculavelmente difíceis. E afirmamos que se 60 camponeses possuem excedente de trigo, enquanto 10 trabalhadores morrem de fome, então é desnecessário falar de "igualdades" em geral ou da "igualdade do povo trabalhador", mas da indubitável obrigação dos 60 camponeses se submeterem à decisão dos 10 trabalhadores e entregar-lhes, mesmo que seja só por empréstimo, o excesso do seu trigo.

Toda a política econômica, se alguém aprendeu algo com ela, toda a história da revolução, toda a história do desenvolvimento político durante o século XIX, nos ensina que o camponês segue o trabalhador ou o burguês. Não pode agir de outra forma. Claro que isto talvez pareça errado para um tipo de Democrata — outros pensam que eu estou caluniando os camponeses com um cinismo marxista. Os camponeses são uma maioria, são trabalhadores e no entanto não podem escolher o seu próprio caminho! Por que?

Se não souberem a razão, então eu direi a esses cidadãos que leiam os elementos de economia política de Marx, as explicações de Kautsky sobre Marx, e que analisem o desenvolvimento de qualquer das grandes revoluções dos séculos XVIII e XIX, ou a história política de qualquer país do século XIX. Tudo isso vos dirá o porquê. A estrutura econômica da sociedade capitalista é tal que nela as forças dirigentes só podem ser o Capital ou então o proletariado, depois de o ter derrubado.

Não há qualquer outra força na estrutura econômica dessa sociedade.

O camponês é metade trabalhador e metade especulador. O camponês é um trabalhador porque ganha o seu pão com o suor do seu rosto, porque é explorado pelos proprietários de terras, capitalistas e outros. O camponês é um especulador porque vende trigo, que é um artigo de primeira e absoluta necessidade. A fome não é nenhuma brincadeira; por pão, as pessoas pagarão milhares de rublos e darão tudo que se quiser, mesmo tudo o que possuem.

Não devemos censurar o camponês por isto, mas as suas condições econômicas são tais que ele vive numa economia de mercado; assim tem vivido durante centenas de anos e está habituado a trocar o seu trigo por dinheiro. Não podemos reformar um hábito, não podemos destruir o dinheiro de repente. Para o destruirmos é necessário organizar a distribuição de produtos entre centenas de milhões de pessoas, o que demorará vários anos. Mas, enquanto existir a economia de mercado, enquanto existirem trabalhadores famintos ao lado de camponeses bem-alimentados que escondem o seu excedente de trigo, enquanto se mantiver uma certa oposição de interesses entre trabalhadores e camponeses, e quem quer que seja que tente fugir desta verdadeira oposição criada pela vida, com frases sobre a "liberdade", "igualdade", e "Democracia do Trabalho", é pura e simplesmente, e na melhor das hipóteses, um paspalhão e, na pior das hipóteses, um defensor hipócrita do Capitalismo.

Se o Capitalismo derrotar a revolução, então, é porque se utilizou do setor mais atrasado do campesinato, comprando-o, enganando-o com a promessa de um retorno ao comércio livre. Tanto os Mencheviques como os S.Rs. se encontram, na realidade, ao lado do Capitalismo e contra o Socialismo.

O programa econômico de Kolchak, Denikin e de todos os Guardas Brancos Russos é o Comércio Livre. Compreendem-no e não os podemos censurar pelo fato de o cidadão Sher não o ter compreendido. As realidades econômicas da vida não se modificam pelo simples fato de um determinado partido não as compreender. O slogan da burguesia é — Comércio Livre. Tentam enganar os camponeses dizendo: "Não era melhor viver como antigamente? Não seria muito melhor viver da venda voluntária e livre do trabalho agrícola? O que é mais justo?" É assim que falam os kolchakianos conscientes, e, do ponto de vista dos interesses do Capital, têm razão. Para restaurar o poder do Capital na Rússia, é necessário insistir nas tradições, nos preconceitos irracionais do camponês, no velho hábito do comércio livre, e é necessário esmagar, pela força, a resistência dos trabalhadores. Não há outra solução. Os kolchakianos têm razão, do ponto de vista do Capital; no seu programa político e econômico sabem muito bem o que estão fazendo, compreendem a relação entre o comércio livre do camponês e o extermínio violento dos trabalhadores. Existe uma relação, apesar de o cidadão Sher não a entender. O comércio livre de trigo é o programa econômico dos kolchakianos, o extermínio de dezenas de milhares de trabalhadores, como aconteceu na Finlândia, é um meio necessário para se levar a cabo este programa, pois o trabalhador não desistirá de modo algum das vitórias já conseguidas. Esta relação é indestrutível, mas as pessoas que não compreenderam nada sobre a ciência econômica e política, as pessoas que, no seu modo filistino, se esqueceram dos fundamentos do Socialismo, isto é, os Mencheviques e os S. Rs., essas pessoas tentam fazer-nos esquecer esta relação com frases sobre "igualdade", "liberdade", gritando que nós estamos destruindo o princípio da igualdade dentro da "Democracia do Trabalho" e que a nossa Constituição é "injusta".

A voz de vários camponeses tem exatamente a mesma importância que a voz de um único trabalhador. Isto não é injusto?

Não é justo numa época em que é necessário destruir o Capital. Eu sei aonde vão buscar as vossas concepções de justiça. Vão buscá-las na época capitalista passada. O possuidor de mercadorias, a sua igualdade, a sua liberdade — eis as vossas concepções de justiça. Estes restos pequeno-burgueses dos preconceitos pequeno-burgueses representam a vossa justiça, a vossa igualdade, a vossa Democracia do Trabalho. Mas para nós a justiça está subordinada aos interesses da destruição do Capital. É impossível destruir o Capital a não ser através dos esforços unidos do proletariado.

Será possível, imediata e firmemente, unir milhões de camponeses contra o Capital, contra o comércio livre? Não o podemos fazer dada a força das condições econômicas, mesmo que os camponeses fossem completamente livres e muito mais civilizados. É impossível fazê-lo, porque, para o conseguir, são necessárias outras condições econômicas, e longos anos de preparação. E quem fará essa preparação? Ou o proletariado, ou a burguesia.

O camponês, pela sua posição econômica dentro da sociedade burguesa, encontra-se em tal situação que seguirá, inevitavelmente, ou o trabalhador, ou a burguesia. *Não há uma terceira via.* Talvez hesite, se sinta confuso, exteriorize idéias fantasiosas, talvez pragueje, talvez insulte, talvez amaldiçoe os representantes "mesquinhos" do proletariado e os representantes "mesquinhos" da burguesia; pois eles representam a minoria. Podem gritar frases empoladas sobre a maioria, sobre o caráter altamente generalizado da vossa Democracia do Trabalho, sobre a Democracia pura. Pode dizer-se tudo o que se quiser. Tudo isto só servirá para se esconder o fato de que se o camponês não seguir o trabalhador, seguirá então a burguesia. Não há, nem pode haver outra via. E aqueles que, nesta crítica da história, em que os trabalhadores morrem de fome e as suas indústrias se encontram estagnadas, *não ajudem os trabalhadores* a conseguir trigo a um preço mais justo e não a um preço *"livre"*, não a um preço capitalista ou comercial, essas pessoas estão seguindo o programa dos Kolchakianos, mesmo que o neguem pessoalmente, mesmo que estejam sinceramente convencidos que estão seguindo conscientemente, o seu próprio programa.

V

Passarei agora à última questão mencionada, o problema da derrota e vitória da revolução. Kautsky, que eu citei como o principal representante do Socialismo velho e decrépito, não compreendeu as tarefas da ditadura do proletariado. Censurou-nos afirmando que só uma decisão da maioria poderia garantir uma solução pacífica. Uma decisão tomada por uma ditadura é uma decisão tomada por meios militares. Isto é, se não se vencer por meios militares se é derrotado e destruído, pois a guerra civil não faz prisioneiros, destrói. Eis como o assustado Kautsky nos "assustou".

Isto é absolutamente verdade. É um fato. Confirmamos a correção desta observação. É indiscutível. A guerra civil é muito mais séria e cruel do que qualquer outra. Sempre o foi, desde as guerras civis da antiga Roma, pois as guerras internacionais sempre acabaram em negociações entre as classes proprietárias e só nas guerras civis é que a classe oprimida orienta as suas energias para uma destruição total da classe opressora, para a destruição das condições econômicas que permitem a existência dessa mesma classe.

Pergunto-vos: que "revolucionários" serão esses que temem desencadear uma revolução porque ela pode vir a ser derrotada? Não, nunca houve, nem nunca haverá, nem pode haver, revoluções que não arrisquem a derrota. A revolução é uma luta de classes desesperada, que atingiu o seu ponto culminante. A luta de classes é inevitável. Ou se renuncia totalmente à revolução ou então é necessário reconhecer-se que a luta contra as classes proprietárias será a mais terrível de todas as revoluções. Não tem havido, em relação a isto, opiniões contrárias entre socialistas com consciência de classe. Quando tive que analisar todos os escritos do renegado Kautsky, escrevi, há um ano, que mesmo se nessa altura — isto foi em Setembro do ano passado — os imperialistas derrubassem o poder Bolchevique, nem por um momento nos arrependeríamos de o ter tomado (11). E nem um único trabalhador com consciência de classe entre aqueles que representam os interesses das massas trabalhadoras se arrependerá ou duvidará que a nossa revolução saiu, apesar de tudo, vitoriosa. Pois uma revolução é vitoriosa quando faz com que uma classe avançada dê passos em frente e desfira sérios golpes contra a exploração. Nestas condições as revoluções são vitoriosas mesmo quando são derrotadas. Isto pode parecer um mero jogo de palavras, mas para o provar citaremos um fato concreto da história.

---

(11)Ver Lenin: A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky". (nota trad. ing.).

Tomemos a Grande Revolução Francesa. Não é por acaso que é chamada "Grande". Fez tanto pela classe pela qual se travou — a burguesia — que todo o século XIX, esse século que forneceu cultura e civilização a toda a humanidade, decorreu sob o signo da Revolução Francesa. Em todo o mundo não se fez mais do que concretizar, realizar parcialmente e completar o que tinha sido criado pelos grandes revolucionários franceses da burguesia, cujos interesses serviam, embora não estivessem conscientes disso, e escondendo esse fato atrás de palavras sobre liberdade, igualdade e fraternidade.

A nossa revolução já fez incomparavelmente mais num ano e meio, pela nossa classe, pela classe que servimos, pelo proletariado, do que fizeram os grandes revolucionários franceses.

Agüentaram durante dois anos e pereceram sob os golpes da reação européia unida, pereceram sob os golpes das hordas unidas de todo o mundo, que os esmagaram e restauraram a "legítima e legal" monarquia na França, os Romanovs daqueles tempos, restauraram os proprietários rurais, e que, durante gerações, esmagaram todos os movimentos revolucionários na França. Mas, no entanto, a Grande Revolução Francesa saiu vitoriosa.

Qualquer pessoa com uma atitude consciente em relação à história dirá que a Revolução Francesa, embora derrotada, saiu no entanto vitoriosa, pois lançou em todo o mundo as bases sólidas da Democracia burguesa e da liberdade burguesa.

A nossa revolução, num ano e meio, deu ao proletariado, a classe que servimos, os objetivos pelos quais lutamos, e contribuiu para a destruição do jugo do Capital imensamente mais do que a Revolução Francesa fez pela sua classe. E portanto afirmamos que, embora possamos aceitar como possível a pior hipótese, se amanhã um Kolchak com sorte ou outro qualquer se livrasse de todos os Bolcheviques, mesmo assim a revolução seria invencível. E como prova disto podemos notar que a nova organização de estado, que surgiu com esta revolução, já obteve uma conquista moral da classe trabalhadora de todo o mundo e ainda tem o seu apoio. Quando os grandes revolucionários burgueses franceses morreram na luta, morreram como indivíduos e não tinham qualquer apoio em outros países. Todos os estados europeus se encontravam contra eles e principalmente a ''progressista'' Inglaterra. A nossa revolução, neste momento, após somente um ano e meio de poder Bolchevique, conseguiu que a nova organização de estado que criou, a organização soviética, se tornasse compreensível, familiar e popular para os trabalhadores de todo o mundo, se tornasse *deles e para eles*.

Mostrei-vos que a ditadura do proletariado é inevitável, que é necessária e indubitavelmente essencial para a transição do Capitalismo. Ditadura não significa só violência, embora seja impossível sem violência; também significa uma organização de trabalho que é mais elevada do que a organização precedente. Eis porque eu, na minha curta saudação no início do I Congresso, evidenciei esta tarefa de organização, fundamental, elementar e simples, e a razão por que reagi de um modo tão desapiedadamente hostil em relação a todas as invenções intelectuais, a todas as ''culturas proletárias''. A essas invenções oponho o ABC da organização. Distribuir pão e carvão em tais quantidades que cada quilograma de carvão e cada quilograma de pão contam; eis uma tarefa da disciplina proletária. Não é uma disciplina à base do chicote, como faziam os amos dos servos feudais, ou à base da fome, como fazem os Capitalistas, mas uma disciplina entre camaradas, a disciplina das uniões dos trabalhadores. Se resolvermos esta simples e elementar tarefa de organização, venceremos. Pois nessa altura, o camponês seguir-nos-á sem hesitações, ele que neste momento oscila entre o trabalhador e o capitalista, sem saber se deve seguir pessoas em quem ainda não confia mas que, não o pode negar, estão levando a cabo a uma ordem de trabalho mais justa, sob a qual não haverá exploração, sob a qual o ''comércio livre'' de trigo será considerado crime, seguir estes ou aqueles que, como sempre, prometem o comércio livre de trigo o que, só aparentemente, significa liberdade de trabalho. Se o camponês vir que o proletariado está construindo o seu poder estatal de um modo que demonstra bem que sabe construir a verdadeira ordem — e o camponês exige-a, e tem razão, embora haja muito de confuso, de reacionário ligado a esse desejo de ordem do camponês —, então o camponês, depois de muito hesitar, seguirá finalmente o trabalhador. O camponês pode simplesmente, ligeiramente, repentinamente, passar da velha sociedade à nova. Ele sabe que a velha sociedade lhe forneceu a ordem à custa da ruína dos trabalhadores, à custa da sua transformação em escravos. Ele não sabe se o proletariado lhe fornecerá a ordem. É impossível pedir-lhe mais, a ele que é tiranizado e ignorante. Não acreditará em quaisquer palavras ou quaisquer programas. E tem razão em não acreditar em palavras, pois de outro modo nunca deixaria de ser enganado. Só acreditará na ação, na experiência prática. Provemos-lhe que o proletariado unido, o poder estatal do proletariado, a ditadura do proletariado sabe distribuir o trigo e o carvão sem desperdícios, consegue fazer com que o excedente de cada quilo de trigo e de cada quilograma de carvão não seja desviado para a venda especulativa, não sirva os heróis de Suklarevka, mas sim seja usado, por meio de uma justa distribuição, para alimentar os trabalhadores esfomeados, mesmo em épocas como esta, de desemprego, quando os moinhos e as fábricas se encontram parados. Provemos-lhe isto. Eis a principal tarefa da cultura proletária, da organização do proletariado. A violência, quando aplicada sem quaisquer raízes econômicas, é condenada pela história; mas aplicada com base numa classe progressiva, segundo os mais altos princípios do sistema, da ordem e da organização Socialista, então é invencível, mesmo que falhe temporariamente.

Se a organização proletária mostrar ao camponês que a ordem é correta, que a distribuição do trabalho e do trigo é correta, que se tem o máximo cuidado com cada quilo de trigo e de carvão, que nós trabalhadores, por meio da nossa disciplina de camaradagem e de cooperação conseguimos realizar tudo isto, que lutamos por meios violentos só para defender os interesses do trabalho, tirando o trigo ao especulador mas não ao trabalhador, e que entramos em acordos com o camponês médio, com o camponês que trabalha, que estamos prontos a dar-lhes tudo o que pudermos neste momento — se o camponês vir isto, então a sua aliança com a classe trabalhadora, a sua aliança com o proletariado será indestrutível, e é neste sentido que estamos caminhando.

Afastei-me no entanto um pouco do tema e vou voltar a ele. Neste momento, em todos os países, as palavras "Bolchevique" e "Soviete" deixam já de ser consideradas expressões monstruosas como até há pouco tempo, tal como a palavra "Boxer" (12), que todos repetem sem compreender. As palavras "Bolchevique" e "Soviete" aparecem agora em todas as línguas do mundo. Os trabalhadores com consciência de classe vêem que a burguesia de todos os países enche diariamente os seus jornais com calúnias sobre o Poder Soviético — e estão aprendendo com estas calúnias. Li há pouco tempo alguns jornais americanos. Vi o discurso de um padre americano dizendo que os Bolcheviques são imorais, que estão nacionalizando as mulheres, que são ladrões e assaltantes. E vi também a resposta dos socialistas americanos. Estão distribuindo por cinco cêntimos a Constituição da República Soviética da Rússia, de tal "ditadura" que não garante a "igualdade da Democracia do Trabalho". Eles respondem citando um parágrafo desta Constituição, dos tais "usurpadores", "assaltantes", "violadores", que estão destruindo a unidade da Democracia do Trabalho. A propósito, quando receberam Breshkovskaya (13), o jornal capitalista mais importante de Nova Iorque, publicou em grandes letras, no dia da sua chegada: "Bem-vinda, avó!"

---

(12) Lênin refere-se aos "Boxers", rebeldes chineses, sob uma chefia religiosa e reacionária, do movimento antiimperialista, no início do século. (nota trad. ing.).

Os Socialistas americanos reimprimiram isto e disseram: "Ela é a favor da Democracia política — Trabalhadores americanos, estais admirados que os capitalistas a elogiam? Ela é a favor da Democracia política. Por que a elogiam eles ? Por que ela é contra a Constituição Soviética". "Ora", dizem os Socialistas americanos, "aqui está um artigo da Constituição dos tais gatunos"; e citam sempre o mesmo artigo que declara que quem explora o trabalho de outrem não pode votar e não tem direito a ser eleito. Este artigo da nossa Constituição é falado em todo o mundo. O poder soviético ganhou a simpatia dos trabalhadores de todo o mundo, precisamente porque afirmou claramente que tudo se subordina à ditadura do proletariado, um novo tipo de organização de estado. Esta nova organização de estado está nascendo com as maiores dificuldades pois é extremamente difícil eliminar o relaxamento desorganizado e pequeno burguês, é mil vezes mais difícil do que vencer o proprietário violador ou capitalista violador, mas é também mil vezes mais recompensador para a criação

---

(13) *Breshkovskaya*, a chamada "avó da revolução", era uma das dirigentes do Partido Socialista Revolucionário que se passou para a contra-revolução. (nota trad. Ing.).

de uma nova organização livre de exploração. Quando a organização proletária cumprir esta tarefa então o Socialismo venceu finalmente. Toda a atividade educacional escolar e extra-escolar se deve devotar a isto. Apesar das condições extraordinariamente difíceis, apesar do fato da primeira revolução socialista mundial estar a dar-se num país com um tão baixo nível civilizacional, apesar de tudo isto, o Poder Soviético é já reconhecido pelos trabalhadores de outros países. A expressão "Ditadura do Proletariado" vitalizou-se e passou a significar o "Poder Soviético". Os trabalhadores organizam-se e declaram: "A nossa organização é a mais elevada de todas; não tem o direito de participar nesta organização nenhum explorador nem nenhuma pessoa que não trabalhe. Esta organização tem um único objetivo — a destruição do Capitalismo. Não nos enganaram com falsos slogans com 'fetiches', tais como 'liberdade', 'igualdade'. Nós não reconhecemos nem a liberdade nem a igualdade, ou mesmo a democracia do trabalho se se opuserem aos interesses da emancipação do Trabalho da opressão do Capital". Introduzimos isto na Constituição Soviética e já ganhamos a simpatia dos trabalhadores de todo o mundo. Eles sabem que por mais difícil que seja implantar a nova ordem, por mais difíceis provas e mesmo derrotas que caiam sobre as várias Repúblicas Soviéticas, nenhuma força no mundo fará recuar a humanidade.
(Grandes aplausos).

indice

— Prefácio 5

— COMO ILUDIR O POVO com slogans de Liberdade e Igualdade - (Discurso de 19 de Maio de 1919) 11

I — (As dificuldades de qualquer Revolução) 12

II — (Acordo com os Imperialistas) 18

III — (Atitude em relação à Democracia em geral) 24

IV — (Igualdade e classes) 31

V — (Derrota e vitória da Revolução) 47

Comunidade Josef Stálin

Em defesa do Marxismo-Leninismo

http://www.comunidadestalin.org

www.comunidadestalin.blogspot.com

comunidadejstalin@hotmail.com